

O método Moro

AO CONTRÁRIO DE BOLSONARO,
O EX-MINISTRO É SISTEMÁTICO,
CALCULISTA E PERSECUTÓRIO

por ALDO FORNAZIERI*

Uma comparação entre Jair Bolsonaro e Sergio Moro pode encontrar algumas semelhanças, mas também muitas diferenças. Ambos têm pendores fascistoides. Os de Bolsonaro são atabalhoados, caóticos, refletem o quadro de sua desorganização intelectual. Nesse sentido, podem gerar consequências perniciosas, mas, no geral, produzem mais inconsequências, desorganização, incompetência administrativa, incapacidade de alcançar objetivos. É um tipo de fascismo mais de palavras do que de ação. É mais desorganizador do Estado, como se viu, em áreas como a saúde, a educação, a cultura etc.

Moro é metódico, sistemático, persecutório, com ações orientadas para alcançar seus objetivos. A forma como ele se conduziu na Lava Jato é uma prova dessa sistematicidade. Colocou na cadeia o ex-presidente Lula, o líder mais popular da história do País, juntamente com

Getúlio Vargas. Não foi pouca coisa. Tinha como outro objetivo destruir a competitividade eleitoral do PT. Foi patrono da vitória de Bolsonaro em 2018.

Moro é muito mais perigoso do que Bolsonaro, em dois sentidos: porque tem método na busca de seus objetivos e porque consegue agregar um corpo auxiliar de capacidade operacional sob seu tacão, como se evidenciou na Lava Jato, ao comandar procuradores, cooptar desembargadores do TRF4 e estender seus tentáculos no próprio Supremo Tribunal Federal. Bolsonaro não consegue agregar força organizada operacional em torno de si: reúne sua família, seus amigos, seus apaniguados. Quando não são familiares, amigos e oportunistas, recru-

**NAS DEFICIÊNCIAS
INTELECTUAIS, OS
DOIS SÃO MUITO
PARECIDOS**



ta desqualificados, a exemplo do ministro da Educação. Seus conselheiros mais próximos provêm dessas relações e disso decorre também sua incompetência administrativa e operacional. O fato de Moro conseguir agregar militares que apoiaram Bolsonaro comprova essa tese. Comprova também que os militares não aprendem nada com seus erros.

Bolsonaro é mais parecido com aqueles ditadores exóticos e folclóricos do realismo fantástico de Gabriel García Márquez. Apresenta-se como um grande valentão, mas chora escondido no banheiro, chora ao implorar a um ministro do STF pela sorte do filho, confessa suas fraquezas publicamente. Moro tem uma mente persecutória, vontade de suprimir seus inimigos, a frieza calculista da mal-



Moro quer se livrar
do intermediário

dade sistemática. Nenhum dos dois tem ilustração intelectual. No caso de Bolsonaro, isso é evidente. Moro conseguiu disfarçar seu caráter grotesco. Mas as suas sentenças, as suas entrevistas e outras manifestações revelaram suas deficiências intelectuais.

Moro é mais perigoso do que Bolsonaro também em outro ponto: o eleitoral. Aqui se revela a costumeira ingenuidade de setores de esquerda que torcem pela candidatura de Moro, porque isso dividiria o bolsonarismo. Ocorre que, na reta final da campanha, quando ficar evidente que Bolsonaro não vencerá Lula nem ninguém no segundo turno, o eleitoral de direita se movimentará rumo a um candidato mais competitivo de centro-direita ou direita. Esse candidato po-

derá ser Sergio Moro. Seria um adversário mais perigoso do que Bolsonaro, conseguindo mais votos nos setores médios.

Não resta dúvida de que Moro foi um juiz parcial. O próprio STF o disse. Muito se escreveu e se imaginou que os julgamentos e as parcialidades se deviam ao seu moralismo, à substituição do julgamento imparcial segundo a lei por um julgamento segundo seus valores morais. Hoje é possível dizer que esta é uma avaliação enganosa. Moro substituiu o julgamento imparcial segundo a lei por um julgamento parcial orientado por uma astúcia criminoso guiada pelos seus interesses e objetivos políticos. Nisso residiu seu fascismo jurídico.

Escrevi várias vezes acerca do fato de que Moro adotou, em decisões, um mé-

todo nazista, chamado de “lei do movimento” por Hannah Arendt. Esse método implica não proceder e não julgar segundo a lei estabelecida, mas por meio da criação de procedimentos jurídicos à margem da lei, conforme o desenrolar dos acontecimentos. De acordo com esse método, não se julgam os fatos segundo a lei, mas se definem procedimentos jurídicos a partir dos interesses do juiz suscitados pelos fatos.

Para lembrar, Moro promoveu um vendaval de conduções coercitivas, inclusive a de Lula, prisões preventivas prolongadas e ilegais para arrancar delações mentirosas, pressões ilegais visando delações interessadas, grampeou ilegalmente a presidente Dilma Rousseff, e por aí vai. Mais que isso: foi chefe da Lava Jato, elevando-se à condição de promotor e juiz ao mesmo tempo, algo típico de regimes nazifascistas.

Diante de tantas arbitrariedades, Moro foi declarado parcial. Mas, antes disso, foi integrar o governo de um presidente fascista. Os processos de Lula foram anulados, o que equivale dizer que ele é inocente porque não é um condenado pela Justiça, e que Moro é culpado porque sua culpabilidade e parcialidade foram declaradas pelo STF. Moro é um corrupto: corrompeu os princípios da Constituição e das leis, e portador de uma moral corrompida, um falso moralismo. Moro é um corrupto no sentido pecuniário do termo: embolsou dinheiro público muito acima do teto salarial do serviço público, o que é, além de clara forma de corrupção, uma prática imoral. Durante este processo pré-eleitoral e eleitoral, Moro precisa ser desmascarado, pois ainda tem gente enganada, que acredita nele. Por vários motivos, ele é uma mentira maior e pior do que a mentira Bolsonaro. É um dever impedir que o embuste continue a governar o Brasil. •

**Professor da Escola de Sociologia e Política.*